



PSICANÁLISE

Richardson Henrique Nelson

Quem quer que eu
seja uma menina?

Questões de gênero na infância

Blucher

QUEM QUER QUE EU SEJA UMA MENINA?

Questões de gênero na infância

Richardson Henrique Nelson

Quem quer que eu seja uma menina? Questões de gênero na infância

© 2025 Richardson Henrique Nelson

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação e revisão de texto Equipe de produção

Diagramação e capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa “Quem quer que eu seja?”, de Gisele Sperb, 2025 – 40,6 x 30,5 cm, acrílica sobre papel de algodão textura linho

Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Nelson, Richardson Henrique

Quem quer que eu seja uma menina? : questões de gênero na infância / Richardson Henrique Nelson. – São Paulo : Blucher, 2025.

184 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2609-3 (Impresso)

1. Psicanálise. 2. Análise da criança. 3. Crianças transexuais. 4. Constituição do sujeito. 5. Identidade (Psicologia). 6. Alienação parental. 7. Relações de pais e filhos. 8. Estudos de gênero na psicanálise. 9. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio – A problemática complexa dos indivíduos trans <i>Alfredo Naffah Neto</i>	13
Introdução	17
1. Protagonismo da figura materna	33
2. As origens do comportamento transgênero de B. e Sasha	67
3. Uma possível masculinidade ameaçada	111
4. Demanda de amor e hostilidade pela mãe em B. e Sasha	137
Considerações finais	165
Posfácio – Psicanálise em devir: um convite ao inacabado <i>Alexandre Patrício de Almeida</i>	173
Referências	179

Prefácio

A problemática complexa dos indivíduos trans

Alfredo Naffah Neto¹

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que, como cidadão adulto, civilizado e capaz de empatia para com o meu semelhante, assim como para com o meu diferente, penso de todos os indivíduos trans – quer sejam chamados de transgêneros, transsexuais, travestis, não importando o nome – têm o direito de existir e de ter reconhecimento social, ainda que produzam estranhamento ou mesmo um grande preconceito nos grupos mais tradicionalistas da sociedade. E que a psicanálise, em princípio, não tem nada a ver com isso, a menos que seja convocada para tal. Digo isso no sentido de que essas pessoas não precisam necessariamente de qualquer justificativa ou referendo psicanalítico para legitimar a sua existência.

Entretanto, discordo quando vejo um psicanalista – como aconteceu, recentemente, numa live – dizer que a nossa função, como

1 Psicanalista, mestre em filosofia pela USP, doutor em psicologia clínica pela PUC-SP, onde leciona como professor titular no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Autor de diversos livros e artigos científicos, entre eles *Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas* (Blucher, 2022) e *Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott* (Blucher, 2023).

psicanalistas, quando solicitados na clínica por pessoas trans, é apoiar essas pessoas. Discordo, na medida em que a psicanálise nunca foi, e nunca será, uma psicoterapia de apoio, mas uma investigação dos mecanismos inconscientes que subjazem ao sofrimento humano. Digo e repito: pesquisa do inconsciente e não psicoterapia de apoio.

Quando, pois, uma criança trans é levada a um psicanalista, seja porque apresenta sofrimento psíquico, seja pelo estranhamento que produz nos seus pais, a função do psicanalista é investigar os processos inconscientes que subjazem tanto aos processos conscientes dessa criança quanto aos processos conscientes do entorno humano que a cerca. E aí pode-se descobrir, por exemplo, como aconteceu com o caso B – atendido pela psicanalista Cassandra Pereira França e retomado na dissertação que deu origem a este livro –, que a condição trans do menino não é uma identificação espontânea com o sexo oposto, mas atende a um desejo inconsciente da sua mãe de que ele seja uma menina. Melhor dizendo, que essa criança está alienada e subjugada pelo desejo materno, tendo criado uma “máscara”, ou seja, um falso self com características trans, apenas para poder ser aceita e amada pelos pais – já que o pai é totalmente submisso à esposa – e que isso lhe causa grande sofrimento psíquico.

Nesse caso – e somente nesse caso – a condição trans passa a representar um sintoma de uma patologia, não exatamente pela condição trans em si mesma, mas por ser a expressão direta de uma alienação no desejo de um outro. Inclusive porque existem várias evidências, no relato clínico do caso B, de que esse menino desejaria poder ser um menino e não uma menina.

De forma semelhante, quando um caso de criança trans é retratado em um filme, portanto tornado público, ele pode se tornar um caso de estudo psicanalítico com as mesmas finalidades: investigar os processos inconscientes – ou mesmo conscientes – diretamente implicados na condição trans em questão. Estou aqui falando do caso Sasha, retratado no documentário do diretor francês Sébastien

Lifshitz e intitulado *Petite Fille* e que também foi objeto de estudo da mesma dissertação que deu origem a este livro. E aí, também, aparecem várias evidências de uma alienação do menino no desejo materno – aí, até mesmo explicitado de forma mais consciente – de que ele fosse uma menina.

Então, surge a pergunta: serão todas as crianças trans frutos de uma alienação no desejo parental? Evidentemente, não é possível chegar a essa conclusão, nem a pesquisa aqui descrita pretende isso. Mas é possível afirmar que, sem dúvida, algumas crianças são, sim. E os dois casos aqui descritos são o testemunho disso.

O psicanalista Richardson Henrique Nelson foi o autor audaz da pesquisa que agora se transforma em livro. Pois eu diria que é preciso ter bastante coragem para mexer em terreno tão espinhoso. Pode-se, sem dúvida, sair machucado de um empreendimento desse tipo, dadas as tantas vozes distintas e contraditórias que pululam ao seu redor.

Richardson trabalha, na sua pesquisa – que constituiu a sua dissertação de mestrado, orientada por mim e defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP –, apoiado em dois grandes psicanalistas: Donald Winnicott e Robert Stoller, autores estes que, muito embora operem em terrenos psicanalíticos distintos, colaboraram, cada um com a sua contribuição singular, para aclarar as questões aqui levantadas.

Gostaria, pois, de dar as boas-vindas a este livro que – além de corajoso e desbravador – é de extrema importância, por pesquisar um tema tão atual e tão debatido, em diferentes instâncias, no nosso mundo contemporâneo.

São Paulo, dezembro de 2024.

Introdução

Em setembro de 2017, a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, que acontecia no espaço Santander Cultural de Porto Alegre, foi cancelada pela entidade patrocinadora após uma série de protestos coordenados por meio das redes sociais, que acusavam a mostra de incentivar a pedofilia e a zoofilia, além de ir contra os “bons costumes”. Uma das obras mais criticadas foi a série de pinturas intitulada “Criança Viada”, da artista Bia Leite. As telas mostravam ilustrações de meninos com frases como “criança viada travesti da lambada” e “criança viada rainha das águas”.¹ De acordo com as críticas, tais dizeres e desenhos sexualizam a imagem infantil, além de colocar as crianças dentro de um contexto humilhante e vexatório. Segundo a artista da obra, o objetivo do trabalho artístico é exatamente o oposto: dar maior visibilidade às crianças que fogem aos padrões heteronormativos e serem respeitadas do jeito que são.

1 Acesso à notícia sobre a interrupção da exposição no site: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/museu-de-porto-alegre-encerra-exposicao-sobre-diversidade-apos-ataques-em-redes-sociais.ghtml>

O cancelamento da exposição foi muito discutido na internet e em outros meios de comunicação, sendo referenciada como uma das exposições brasileiras mais debatida e menos vista dos últimos anos. Essa polêmica se deu principalmente entre dois opostos: de um lado uma visão progressista, que denunciava o ato da interrupção como representação da intolerância e censura à diversidade sexual; de outro, um pensamento mais conservador, que via nas obras um desrespeito aos valores da família e um incentivo à homossexualidade infantil.

Queermuseu é apenas um dos exemplos que evidenciam que, apesar dos vários avanços recentes na discussão de temas como orientação sexual, identidade de gênero e sexualidade infantil – este último, cuja primeira formulação psicanalítica foi elaborada há muito tempo por Sigmund Freud (1856-1939), em seu texto de 1905, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” –, ainda enfrentamos uma significativa carga ideológica que permeia os conceitos acerca do masculino e do feminino. Essa influência ideológica tem se intensificado, principalmente com o desenvolvimento do mundo digital. Além disso, essa temática torna-se ainda mais sensível quando envolve o universo infantil, pois, além da carga ideológica, o viés moralista traz uma nova camada de fricção, difícil de ser superada.

A doutora em psicologia clínica, Cassandra Pereira França, em seu livro *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino*, de 2017, conta o caso do menino B., filho primogênito que, aos 4 anos e 7 meses, chega à sua clínica trazido pelos pais porque gostava muito de brincar com bonecas; vivia uma fantasia de ser menina e havia desenvolvido um comportamento transgênero.

Sobre esse caso especificamente, Alfredo Naffah Neto (2024), em seu texto “A construção de um falso self transgênero: uma releitura winnycottiana de um estudo de caso analisado numa perspectiva kleiniana”, em nota de rodapé, faz alusão ao significado antropológico da palavra *gênero*, no qual sua definição corresponde a uma forma

cultural estabelecida para a distinção sexual em cada sociedade, manifestada em papéis e status atribuídos a cada um dos sexos (Buarque de Holanda, 1999). A partir desse conceito, Naffah Neto define transgênero como: “alguém que se manifesta – seja em aparência, maneiras e ações – num *atravessamento* dessas identidades culturalmente definidas, dos papéis e *status* a elas atribuídos” (p. 85).

Voltando ao livro da Cassandra, logo no início, quando relata as primeiras sessões, ela destaca a vergonha que os pais sentiam em relação aos “hábitos estranhos” de B. em fantasiar com elementos da feminilidade. Os pais da criança diziam: “aqui é uma cidade pequena, e todos ficam achando esquisito” (França, 2017, p. 35). A vergonha, o olhar julgador do outro, o incômodo e o medo do sofrimento, devido a uma suposta homossexualidade, traduzem-se em angústia, impedindo que a possível vontade inconsciente dos pais, de que o filho fosse uma menina, venha a ser revelada. Sutilmente, a autora nos lembra que, para Freud (1905/2016), masculino e feminino são conceitos e categorias extremamente confusos para a ciência, mesmo que pareçam muito claros e inequívocos no senso comum.

A autora traz diversos elementos na sua narrativa do caso clínico que mostram como a vontade dos pais, de que B. nascesse uma menina, surge como gênese e se manifesta tanto na submissão do pai perante os desejos inconscientes maternos – antes mesmo do nascimento do filho – quanto na atitude castradora da mãe durante seu desenvolvimento infantil. França (2017) parte da hipótese de que o determinismo parental tem uma função primordial no caso do menino B., sendo uma das raízes que sustentava o alicerce da identificação do filho com os elementos do universo feminino. Adverte, ainda, sobre como esse determinismo parental – e eu destacaria no caso de B. também, o protagonismo exagerado da mãe – é central no processo clínico de análise da criança.

Não é apenas a vida de B. que está em desenvolvimento psíquico, mas igualmente a dos seus pais. O nascimento e o crescimento de um

filho exigem dos genitores um novo olhar sobre a sua própria vida, sobre os seus desejos, traumas e angústias. Um filho faz com que os pais revivam o seu narcisismo, bem como a trajetória das suas próprias angústias, inclusive a mais importante, a da castração:

Por isso mesmo, tanto a maternidade quanto a paternidade representam passagens de uma etapa da vida para outra e requerem remanejamentos psíquicos que reatualizam a angústia de castração, pois ver-se diante de um desconhecido, o bebê, com toda a carga de atenção e desvelo que ele demanda, abala completamente o centramento narcísico reinante até então. (França, 2017, p. 37)

Sébastien Lifshitz, diretor e roteirista francês, lançou em 2020 um documentário intitulado no Brasil de “Pequena Garota” – no original *Petite Fille* –, contando a história de Sasha, uma criança de 7 anos com comportamento transgênero que, segundo o relato da mãe, sempre se percebeu como menina desde o seu nascimento. A sinopse oficial da obra descreve que o enredo está todo baseado em “como a sociedade falha em tratá-la como as outras crianças de sua idade – em sua vida diária na escola, nas aulas de dança ou nas festas de aniversário – sua família a apoia e trava uma batalha constante para fazer com que sua diferença seja compreendida e aceita”².

Entretanto, ao apreciar o documentário sob uma perspectiva psicanalítica, podemos ir além do que propõe a sinopse, sem desmentir, obviamente, a batalha social sobre a aceitação da diferença. É, justamente, na riqueza de detalhes, nas falas, nas sequências de imagens, na delicadeza da narrativa e, sobretudo, na presença materna constante diante dos acontecimentos cotidianos da vida de Sasha, que permitem gerar hipóteses psicanalíticas importantes acerca de uma

2 <https://imovision.com.br/pequena-garota>

forte intrusão ambiental. Essa intrusão envolve uma contundente imposição do desejo da mãe de ter uma menina ao seu lado, gerando como resposta um comportamento transgênero de Sasha desde muito cedo.

Ora, como pode Sasha saber que era uma menina desde o nascimento? Donald Woods Winnicott (1896-1971), em sua palestra “O recém-nascido e sua mãe” de 1964, nos alerta que, sobre uma perspectiva psicológica, o bebê nasce sem a sofisticação e complexidade psíquica da mãe ou de qualquer outro adulto. Nas suas palavras:

É necessário reconhecer a diferença total que deve existir entre a psicologia da mãe e a do bebê. A mãe é uma pessoa sofisticada, complexa. Já o bebê, no início, é o oposto disso. Muitas pessoas têm enorme dificuldade em atribuir qualquer traço que possa ser chamado de “psicológico” a um bebê de poucas semanas, ou mesmo de poucos meses . . . Será que podemos dizer que existe uma expectativa de que as mães enxerguem muito mais do que de fato há e de que os cientistas enxerguem apenas o que já foi comprovado? (1964/2020b, p. 48)

Dessa forma, cumpre suspeitar que a mãe de Sasha pudesse enxergar no filho muito mais o seu desejo de ter tido uma menina do que respeitar e deixar fluir, naturalmente, o *gesto espontâneo* da criança no seu processo de identificação com os elementos femininos e maternos. Isso ficará ainda mais evidente ao longo deste livro, no qual diversos exemplos da narrativa buscarão sustentar essa hipótese inicial.

Falar de comportamento transgênero, especialmente em crianças, não é algo indubitável, fácil ou fluido e nos exige um esforço teórico e prático para nos distanciarmos, a todo momento, das ideologias, conservadoras e progressistas, bem como dos dogmas morais. Esses

dogmas tornam nossa compreensão e discussão sobre o tema empobrecidas e incapazes de ajudar a trazer à tona novos *insights* sobre por que alguns meninos se vestem de meninas durante sua infância. Tenho convicção de que uma investigação norteada pelas teorias psicanalíticas ajudaria a entender melhor o tema e auxiliaria a investigar supostas raízes e funcionamentos, contribuindo ainda mais para um processo de normalização da plasticidade de gênero e da sexualidade infantil. Isso inclui também o processo de desenvolvimento libidinal, sempre atravessado pela singularidade do indivíduo e sua relação com o ambiente.

Saliento que o objetivo deste trabalho não é articular ou discutir as diferenças entre travestilidade, transexualidade e transgênero. Sabe-se que a travestilidade não determina necessariamente a identidade de gênero, pois são conceitos e categorias independentes que podem se entrelaçar durante o desenvolvimento sexual do indivíduo. Além disso, como os pacientes em questão são pessoas supostamente em período edipiano ou em latência, nenhuma formação de gênero pode ser atribuída às crianças de forma definitiva. O desenvolvimento psicossexual se estabelecerá de maneira mais assertiva e constituída durante ou após o período da adolescência, quando ocorre, em princípio, uma revivência do complexo de Édipo.

Origens e a importância de Winnicott e Stoller

A origem deste livro remonta a minha dissertação de mestrado, defendida em 2024 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fruto das inquietudes mencionadas anteriormente, também da minha descoberta da obra de Robert Jesse Stoller (1924-1991), psiquiatra e psicanalista norte-americano, que cunhou a distinção entre sexo (sentido anatômico) e identidade de gênero (sentido psíquico e social). Stoller, que se considerava freudiano puro, subverte a noção de que a transexualidade e a travestilidade estariam necessariamente

atreladas a uma ideia de um fracasso perante a elaboração do complexo de Édipo. Ele argumenta que essa leitura mais linear da teoria freudiana poderia levar a crer que a identidade de gênero se forma em resposta a esse fracasso. No entanto, segundo o autor estadunidense, ela estaria na ordem do pré-sexual, e sua gênese estaria relacionada à não entrada do indivíduo no complexo de Édipo.

Outra distinção importante proposta por Stoller é que o complexo de Édipo, como formulou Freud, não partiria mais de uma concepção do masculino em direção ao feminino, mas sim, do seu oposto. A masculinidade seria uma conquista e não um elemento dado. A postura negacionista da mãe diante do processo de desidentificação com a criança, essencial para a entrada do sujeito no complexo de Édipo, determinaria o desencadear de traços perversos e seus mecanismos de defesa. Uma atitude inconsciente da mãe fortemente contrária à separação do filho, de qualquer ordem ou natureza, não permitiria que o indivíduo sequer entrasse no processo, excluindo em definitivo o pai da cena edípica.

Ressalto também, o papel importante que tem o mergulho sobre a obra e os principais conceitos psicanalíticos de Winnicott para delinear o tema deste livro. Renomado pediatra e psicanalista inglês, criou sua teoria com base no pressuposto teórico de que todo o ser humano nasce com uma *tendência inata ao amadurecimento*. Ele acreditava que, por meio dos cuidados ambientais incorporados, principalmente providos pela figura materna nos primeiros meses de existência, o indivíduo será capaz de *elaborar imaginativamente as funções corporais*³ e seguir sua trajetória de desenvolvimento.

As noções de *mãe suficientemente boa, verdadeiro e falso self, gesto espontâneo*, entre outras do extenso e complexo arcabouço teórico

³ O conceito da teoria winniciotiana de *elaboração imaginativa das funções corporais* será abordado no capítulo 1 deste livro.

winnicottiano, que serão detalhadas e trabalhadas ao longo do livro, me ajudaram a compreender os possíveis caminhos dos casos que serão analisados aqui.

Durante o percurso dessa descoberta, me chamou muito a atenção que, segundo Winnicott, diferentemente do que Freud pensava, a sexualidade infantil não é algo dado e sempre presente desde o início da vida. Em vez disso, é uma construção ao longo do amadurecimento e, como qualquer elemento da psique humana, passa necessariamente pela *elaboração imaginativa das funções corporais*. A sexualidade infantil é, portanto, parte do processo de desenvolvimento da criança, podendo adquirir formas saudáveis, provenientes de inclinações instintivas ou respostas naturais e espontâneas da própria criança ao ambiente, ou patológicas, impostas pelo ambiente externo e ameaçadoras do seu Eu, não respeitando o seu *gesto espontâneo*.

Assim, o objetivo central deste livro é fazer uma leitura winnicotiana, trazendo também aproximações com o pensamento de Stoller, dos dois casos de transgeneridade já mencionados. A hipótese principal do estudo é de que o comportamento transgênero nesses dois casos especificamente se dá por elementos que têm origens pré-edípicas, no excessivo protagonismo do desejo inconsciente da figura materna de ter tido uma menina, no intangível e inalcançável da figura paterna, na construção de um falso self patológico em resposta à intrusão ambiental e na não entrada ou na suspensão permanente do complexo de Édipo.

É fundamental enfatizar que a psicologia clínica, especialmente na abordagem psicanalítica, destaca-se pelo uso de casos clínicos como forma fundamental de pesquisa e compreensão da psique humana. A escolha de pesquisadores psicanalistas em incorporar relatos detalhados em suas investigações está enraizada na riqueza e complexidade das experiências individuais. Esses casos, que consistem em narrativas minuciosas e protocolos de sessões terapêuticas,

são ferramentas cruciais para ilustrar dinâmicas intrapsíquicas e inter-relacionais sempre na sua singularidade.

Nós, pesquisadores e psicanalistas, valorizamos os casos clínicos porque oferecem uma visão profunda da complexidade da dimensão inconsciente do ser humano. Esses relatos proporcionam uma compreensão única das resistências, das transferências e dos processos de simbolização, temas centrais em qualquer linhagem psicanalítica. Como é de praxe, o uso desses casos permite que a pesquisa psicanalítica vá além de generalizações abstratas e desmedidas, fornecendo uma base empírica sólida para teorias psicanalíticas. A singularidade de cada caso destaca a variabilidade na expressão de fenômenos psíquicos, enriquecendo a compreensão da diversidade da experiência humana, e isso não difere nos exemplos de B. e de Sasha.

Obviamente, cuidados na utilização de casos clínicos devem ser tomados, tais como a preservação da confidencialidade e a obtenção prévia do consentimento informado dos pacientes, práticas éticas essenciais. Os participantes devem compreender como suas informações serão utilizadas em um contexto de pesquisa, sempre considerando fatores culturais, sociais e históricos. Neste livro, como trabalharei com casos já publicados, é assumido que esses cuidados foram observados pelos autores.

Considero que a reflexividade sobre as próprias influências e preconceitos é crucial para uma interpretação precisa de cada caso clínico, mesmo num processo de releitura, evitando sempre a generalização, pois cada caso sempre será único, assim como sua análise. O foco deve estar sempre na compreensão aprofundada, e no revelar da diversidade das possibilidades da psique humana, ao invés de diagnósticos apressados ou constatações massificantes.

Como os casos trabalhados aqui já foram publicados, é importante destacar que esta obra não tem como objetivo fazer uma crítica às versões ou análises apresentadas nos casos de B. e Sasha. O que

pretendo é apresentar uma nova perspectiva, analisando esses casos através das lentes psicanalíticas de Winnicott e Stoller. Não se trata de desmerecer, rivalizar ou desqualificar, de forma alguma, as intenções, hipóteses, análises e conclusões de Cassandra Pereira França e Sébastien Lifshitz em suas respectivas obras. Pelo contrário, devemos reconhecer a enorme contribuição que a autora oferece com sua análise de perspectiva kleiniana no caso de B., assim como a importante crítica social e política feita pelo cineasta ao abordar o tema do transgênero Sasha numa sociedade contemporânea que ainda enfrenta dificuldades para aceitar a diferença como algo normal e do humano.

Ademais, gostaria de enfatizar que não tenho a intenção de generalizar suas conclusões. Nem todos os casos de comportamento transgênero em meninos na infância se apresentam da mesma forma que os casos de B. e de Sasha. O objetivo aqui é simplesmente ampliar as possibilidades de hipóteses psicanalíticas sobre o tema, reconhecendo que certamente existem vários casos com pontos e ângulos semelhantes aos analisados neste livro.

Transgênero e o falso self patológico

Com relação à hipótese das crianças, nos casos estudados, terem desenvolvido um comportamento transgênero a partir de um falso self patológico, é importante esclarecer que não estou avaliando a questão do gênero em si, ou seja, se a condição transgênero é patológica ou não. Com o apoio da teoria winnicottiana, estou analisando a questão do *ser* e do *reagir*, independentemente dessas crianças terem se identificado com o gênero masculino ou feminino. Conforme o conceito de saúde em Winnicott, se existe uma imposição de fora para dentro, essa condição será sempre patológica. Se a criança é engolida pelo ambiente ou, no caso, pelo desejo materno, isso é patológico e não o comportamento transgênero em si.

O que será analisado é um intrincamento entre a condição transgênero e a questão do *ser*; é um entrelaçamento entre as duas dimensões. Importante ressaltar que nem todo comportamento transgênero é, ou será patológico, mas que, em alguns casos, ele pode ser. Certamente, existem situações em que as crianças desenvolvem um comportamento transgênero e não se encontram encapsuladas pelo desejo da mãe ou subjugadas às vontades do ambiente; pelo contrário, estão seguindo o seu gesto espontâneo e isso é, segundo os preceitos winniciottianos, totalmente saudável. Dessa maneira, pretendo deixar claro ao longo do livro que o termo patológico, usado nesse contexto, não se refere à condição transgênero em si, mas sim à maneira como se desenvolveu nas personalidades das crianças.

Outro ponto importante a destacar é que, nos casos analisados, não estou associando a patologia à dimensão homossexual e a normalidade à dimensão heterossexual. O que pretendo ressaltar neste livro são os preceitos e pressupostos epistemológicos dos autores escolhidos, especialmente no que diz respeito à submissão da criança às determinações ambientais. O conceito de patologia usado aqui não tem relação com a questão heteronormativa, embora reconheça a existência das críticas em relação à psicanálise, especialmente nas discussões sobre transidentidades⁴.

Falarei, portanto, sobre a submissão da criança às demandas ambientais. Aliás, se analisarmos de forma cuidadosa, o critério patológico para Winnicott é totalmente antinormativo. Saudável é o indivíduo que, segundo o psicanalista inglês, se desenvolve a partir de seu gesto espontâneo, sem se subugar necessariamente às injunções

4 Citando Thamy Ayouch, Patricia Porchat e Maria Caroline Ofsiany (2020) explicam que o termo transidentidades marcaria uma ideia de “pluralidade das construções de gênero” (p. 7), direcionado ao campo das identidades, tentando se distanciar dos termos transexual e travesti que, segundo as autoras, estariam contaminados pelo discurso médico e, por conseguinte, relacionados com doença.

ambientais, ou seja, aos padrões culturais e normativos vigentes. O que é patológico nos casos de B. e Sasha não é o fato de se identificarem como meninas ou de terem desenvolvido um comportamento transgênero na infância; é o fato de fazê-lo por sujeição ao desejo excessivo da mãe. Isso, sim, é patológico. É a passividade diante da exigência ambiental que leva ao patológico, e não o comportamento transgênero em si.

Na introdução sobre o caso B., França destaca o grande preconceito que paira sobre a psicanálise, frequentemente vista com um discurso moralista e heteronormativo, no qual o interesse pelas questões da sexualidade é interpretado como uma forma de perpetuar a lógica binária de gênero. Segundo as críticas, a psicanálise não admite os movimentos preconceituosos dentro do próprio discurso, que muitas vezes trabalharia para corrigir as identificações tidas como homossexuais ou desviantes. A autora acredita que qualquer um que se dedique de forma mais assertiva a estudar, com profundidade, qualquer uma das teorias psicanalíticas perceberia, de antemão, que a sua proposta terapêutica está associada à “assunção dos desejos mais recônditos do sujeito” (França, 2017, p. 25), o que impossibilitaria qualquer tipo de tentativa de correção. Citando a filósofa americana Judith Butler, que lança uma reflexão crítica em relação à ideia de uma obrigatoriedade de sermos homens e mulheres e que refuta, veementemente, o conceito clássico de gênero, França retoma a narrativa de Butler ao afirmar que a existência de dois órgãos genitais distintos não deveria determinar um binarismo de gênero, já que o corpo não consegue sustentar uma verdade sobre a sexualidade humana:

Por concordar com essa premissa e por reconhecer quão parco é nosso conhecimento sobre as identificações primárias, julgo ser importante estudar os primórdios da construção da identidade sexual, em primeiro lugar porque, “como Foucault assinala, o sexo acabou por caracterizar

e unificar não apenas as funções biológicas e os traços anatômicos, mas as atividades sexuais, assim como uma espécie de núcleo psíquico que dá pistas para um sentido essencial ou final para a identidade” (Butler, 2008, p. 91). Em segundo lugar, porque, como diz Bleichmar, “a enumeração de gênero se inscreve na identidade nuclear do ego, antes que a criança reconheça sua correlação com a genitalidade” (2000, p. 3), vale dizer numa época em que o inconsciente ainda está em vias de constituição. (França, 2017, p. 26)

Eu concordo veementemente com Butler e França. Quanto maior for o número de estudos e análises sobre o tema, e quanto mais soubermos sobre os primórdios da construção da identidade sexual, ou melhor dizendo, das “identificações múltiplas em permanente movimento” – como afirma a cineasta e psicanalista Miriam Chnaiderman (2017, p. 16) no prefácio do livro de França –, melhor poderemos demonstrar que somente o corpo, em seu aspecto biológico, não sustenta uma verdade sobre a multiplicidade da sexualidade humana.

É exatamente por isso que escolho Winnicott e Stoller como autores pilares para essa análise, pois acredito que podem nos ajudar, cada um ao seu modo, a entender os primórdios da construção da identidade sexual. Stoller aborda o tema de maneira mais específica, pois dedicou sua vida e contribuição acadêmica para isso; e Winnicott, por meio da teoria do amadurecimento, pode lançar luz a uma nova perspectiva de entendimento da evolução psíquica do indivíduo e de suas relações com o ambiente e com os objetos. Percebo ainda, que os estudos em psicanálise sobre a questão de gênero continuam muito concentrados em Freud, na escola francesa e na psicanálise do ego americana. Pouco tem sido discutido sobre a contribuição da escola psicanalítica ingleza para o tema das questões de gênero, o que vejo como uma grande oportunidade de produção de novos conhecimentos.

A estrutura do livro

Acerca da estrutura do livro, no primeiro capítulo, irei discorrer sobre a ideia do protagonismo da função materna para Winnicott e a importância de entendermos esse fenômeno para que se possa compreender melhor a estruturação e o desenvolvimento psíquico da criança e a sua relação com a mãe. Isso dará um repertório conceitual importante, que me permitirá analisar os casos de B. e de Sasha já sob a ótica da teoria do amadurecimento emocional winnicottiana.

Já no segundo capítulo, dissero sobre as origens pré-edípicas dos comportamentos transgêneros em questão, detalhando não só ambos os casos, mas também explorando a ideia dos desejos inconscientes dos pais, principalmente os da mãe, e a sua influência no desenvolvimento libidinal do filho menino. Por meio do conceito de falso self patológico de Winnicott, explanarei como o comportamento transgênero de B. e de Sasha poderia ser considerado uma casca que encobre o verdadeiro self, em resposta aos avanços conscientes e inconscientes da vontade das mães de uma não separação dos filhos. Averiguarei os possíveis modos saudáveis e patológicos desse protagonismo materno e destacarei prováveis respostas e mecanismos de defesa do Eu nos meninos durante a infância, nos casos em que a mãe não respeita o gesto espontâneo da criança e impõe o seu desejo excessivamente, gerando falhas ambientais no seu processo de desenvolvimento.

No terceiro capítulo, investigarei o papel que o processo de desidentificação da figura materna desempenha na construção da masculinidade. Analisarei também a possível dificuldade de algumas mães em dar espaço para o desenvolvimento emocional da criança e a não elaboração da angústia de simbiose, que seria, segundo Stoller (1975/2014), um fator ameaçador e coercitivo na conquista da masculinidade. Nos casos analisados, a hipótese é que, ao se vestirem como meninas, B. e Sasha estariam utilizando mecanismos de defesa da ordem do perverso que, juntamente com os empecilhos impostos

pelas suas mães no processo de desidentificação, resultariam na possibilidade de não entrada das crianças no complexo de Édipo ou da sua suspensão definitiva, devido a uma forte ameaça à conquista da masculinidade. O horror e a negação da castração da mãe, bem como a tentativa de exclusão definitiva da figura do pai na cena edípica, geram uma angústia excessiva na criança e marcam a hostilidade do menino em relação ao objeto identificado, ou seja, a figura materna.

Na sequência, percorrerei os sentimentos de raiva, medo e hostilidade desenvolvidos por B. e Sasha em relação à mãe e ao ambiente. Esses sentimentos parecem se manifestar em um movimento ambivalente no qual, ao mesmo tempo, a criança responde aos anseios e vontades inconscientes da mãe na tentativa de conquistar o seu amor, mas também inveja o mundo feminino. A criança sente raiva da sua identificação inicial com a mãe, medo de não conseguir escapar da sua órbita e desejos de vingar-se dela por tê-la colocado nessa condição. O comportamento transgênero de B. e de Sasha seria, segundo a teoria stolleriana, um ato de reprodução de uma cena perversa, baseada em fetiches por representações femininas que encobrem, na verdade, a suposta falha do menino rumo à conquista da sua masculinidade.

Por fim, trago algumas considerações finais sobre os impactos do comportamento transgênero em resposta à demanda materna: o enclausuramento do gesto espontâneo da criança, as dificuldades na construção da identidade de gênero e possíveis manejos clínicos, tanto para os indivíduos supostamente identificados quanto para os pais. Além disso, abro espaço para questões não esgotadas pelas articulações teóricas produzidas nesse estudo.

Que este livro se torne uma fonte de inspiração para a reflexão sobre o tema, instigando questionamentos e promovendo o debate. Afinal, é na análise de casos clínicos e na inquietação científica que surgem novas perspectivas para o avanço do pensamento psicanalítico.



O livro que o leitor tem em mãos trabalha questões de gênero, campo espinhoso nos debates contemporâneos! A partir da Psicanálise, o autor enfrenta um campo de ainda maiores disputas – questões de gênero na infância – sem ceder às batalhas políticas. Partindo de um caso clínico da literatura psicanalítica, Richardson retoma detalhadamente as teorias de Robert Stoller e Donald W. Winnicott para tematizar a alienação de uma criança ao desejo materno, atento aos riscos de atribuir tal alienação à criança transgênero. Um segundo caso é tomado do documentário *Pequena garota*, do cineasta Sébastien Lifshitz, sobre outra criança, Sasha, para um mergulho nas teorias psicanalíticas, em especial os caminhos pré-edípicos. Sem modismos, o livro coloca autores históricos da Psicanálise para operar no trabalho clínico-teórico da contemporaneidade.

Paula Peron

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2609-3



9 788521 226093



www.blucher.com.br

Blucher



Richardson Henrique Nelson

Quem quer que eu seja uma menina?

Questões de gênero na infância

Blucher

Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Quem quer que eu seja uma menina?

Questões de gênero na infância

Richardson Henrique Nelson

ISBN: 9788521226093

Páginas: 184

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
